

LAÇOS, de Domenico Starnone
APRESENTAÇÃO DE REGINA MOURA

O TÍTULO

Laços sempre nos remete a enfeite: laço no cabelo, laço no vestido, no cinto, num presente.

Mas “laços” aqui é no sentido de amarrar, desamarrar, atar, desatar, unir, desunir, vincular, desvincular. Exemplos: laços de amizade, laços de amor, laços de família, e muitos outros.

A CAPA

A capa americana tem dois sapatos amarrados, como a simbolizar talvez a união matrimonial – não dava nem para andar, estava travada.

Na capa brasileira há um homem de costas, vestindo um terno marrom. Uma figura comum com um ar distraído, nos jardins do Coliseu. A imagem é do fotógrafo Luigi Ghirri, datada de 1979, e parece funcionar como uma patente metáfora para o casamento de Aldo e Vanda: estava em ruínas como o Coliseu.

O autor

Domenico Starnone nasceu em Saviano, Nápoles, em 1943. Hoje vive em Roma. Saviano é uma comuna italiana da região da Campania, província de Nápoles, com cerca de 14.890 habitantes, distribuídos em 13km².

Starnone é um dos principais ficcionistas italianos da atualidade. Além de escritor, é jornalista, e escreveu 13 livros até agora.

Recebeu em 2001 o prêmio Stregga, o de maior prestígio dentro da literatura italiana por seu romance *Via Gemito*.

Em 2015 recebeu o Bridge Prize por *Laços*, seu 13º livro. Embora seja autor bastante prestigioso em seu país, sua obra tem corrido à sombra de Elena Ferrante ou de Anita Raja. Por conta disso, ele nunca mais teve paz. Mesmo sendo um dos autores mais importantes de seu país, a existência dele como artista foi atada a um mistério: a verdadeira identidade de Elena Ferrante.

Basta olhar como a crítica internacional recebeu *Laços*, o romance que acabamos de ler. As resenhas tornaram-se uma busca por pistas escondidas, e logo viam-se semelhanças entre esse livro e *Dias de Abandono*, de sua compatriota. As semelhanças passam pelo tema do adultério, imagens e personagens.

A desconfiança não é vazia. Há dez anos, um grupo de físicos e matemáticos colocou os livros de Ferrante em um software de análise de texto – e o resultado foi haver alta probabilidade de a autoria misteriosa ser Starnone -, como num teste de DNA.

O jornalista Claudio Gatti divulgou os resultados da investigação. Por meio de registros imobiliários e financeiros, o jornalista provou um crescimento no patrimônio da tradutora Anita Raja em função de pagamentos feitos a ela pela editora Elo, casa que publica os livros de Ferrante. O incremento nos valores pagos, bem acima da média do mercado para um tradutor, coincidia com o sucesso dos livros da italiana. Anita Raja é simplesmente mulher de Starnone.

“Não sou Elena Ferrante e tenho muito pouco interesse nesse tipo de pergunta”. Essa foi a resposta por email dada a um jornalista. Mas tudo isso são curiosidades extraliterárias.

Laços pode até também ter em seu centro de gravidade um homem que abandona a família por uma mulher mais nova, como em Dias de Abandono. Mas é um livro cujas qualidades literárias estão mais na sua particularidade do que na semelhança com a obra de E. Ferrante: o romance escrito por ela está centrado no desespero de uma mulher deixada. Laços, por sua vez, está mais interessado no poder destrutivo das relações familiares e na tentativa de reconciliação.

Ambos os romances têm duas crianças (um casal) como parte fundamental do enredo; os dois têm animais domésticos desempenhando funções importantes no desenrolar dos acontecimentos, em cachorro em Ferrante, um gato em Starnone.

PEQUENA ANÁLISE DO LIVRO

O livro é contado sob três pontos de vista (narrador polifônico): da mulher, do marido e dos filhos. O casal, já reconciliado, um dia encontra o apartamento revirado. Os objetos espalhados e os desaparecidos começam a despertar as memórias dolorosas. O cenário surge como metáfora das ruínas sobre as quais os personagens vivem. As feridas deixam cicatrizes e cicatrizes são marcas que reativam a memória, obstáculo permanente ao perdão.

A tradição literária é pródiga em adultérios ilustres, mas é incomum um autor escrever sobre a infidelidade masculina, muito menos vista como algo desagregador.

Culturalmente, ao homem sempre foi permitido dar escapulidas, enquanto que não se perdoa quando a traição parte da mulher. Exemplos: Ana Karenina, de Tolstói; Madame Bovary, de Flaubert; O Primo Basílio, de Eça de Queiroz, e Capitu (mera suspeita), de Machado de Assis.

“Nessa grande tradição literária, o casamento e a família são sempre corroídos dramaticamente pela infidelidade feminina”, diz o autor e acrescenta que o adultério masculino era visto como um “fato da natureza”, sem interesse literário.

O protagonista Aldo deixa mulher e filhos e se dá a desculpa de que é errado contrariar seus desejos. A traição acontece nos anos 60, exatamente no momento em que a revolução dos costumes corria solta.

Numa entrevista a Veja, Starnone diz que “às vezes ficar pode ser mais violento do que partir. Nenhuma vida está realmente sob controle. Às vezes uma palavra impensada, um gesto mecânico, pode desencadear um processo destrutivo. Quis mostrar que a traição masculina não é uma travessura sem consequências, embora fosse essa a forma como a literatura sempre a mostrou. Já o adultério feminino é sempre mostrado na literatura como desencadeador de grandes tragédias. Mostrou que as crianças sofriam na velha família patriarcal e sofrem ainda mais com sua dissolução. Elas são o elo mais fraco.